

Retirada da invasão da 110 deixa todos em expectativa

Prometida para manhã, a remoção da favela da 110 Norte põe em expectativa as famílias que se inscreveram para recebimento de lotes, enquanto que a Associação de Moradores se aproveita da demora para minar o ânimo dos que estão dispostos a se mudar. Os favelados esperam notícias sobre a área de Brazlândia. Os que ainda não se decidiram ou fazem pé firme em só aceitar áreas no DF ameaçam partir para outras invasões quando houver a derrubada dos barracos.

Já são visíveis os claros abertos na favela pela derrubada de barracos. Embora em pequeno número, houve mudanças na manhã de ontem, com famílias que ocupam até dois caminhões. A procura por passagens para outros Estados continua em ritmo lento. Com a operação desfechada pela Secretaria de Serviços Sociais contra as biroscas que vendiam bebidas alcoólicas, só restaram na favela vendedores de alimentos e material de limpeza.

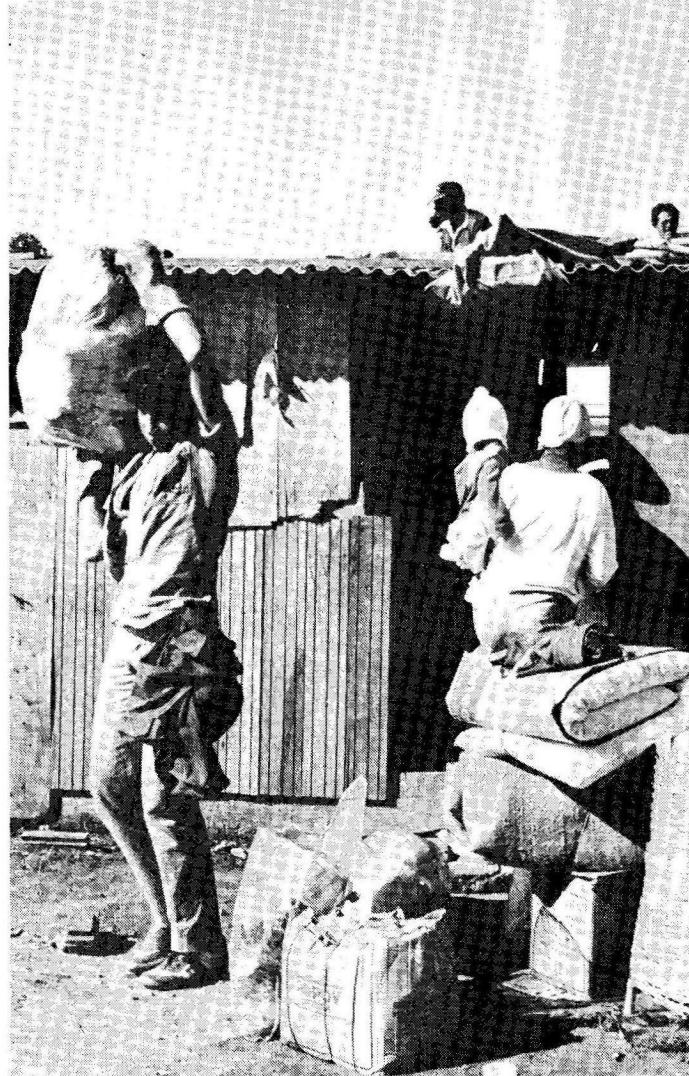
RESISTÊNCIA

Entre os que resistem à remoção para Brasiliinha ou Brazlândia está o carpinteiro Odilon Clarindo dos Santos, pai de sete filhos. Ele diz ter ouvido promessas de que há áreas na Candangolândia e não tomou iniciativa no sentido de cadastrar-se na Fundação Maria do Barro. Diz ser importante para ele morar no DF, de preferência no Plano Piloto, pela proximidade às obras de construção civil onde costuma encontrar trabalho. Se sente inseguro em aceitar moradia em local distante, sem infra-estrutura, lembrando que em uma ocasião teve dois filhos internados ao mesmo tempo no HRAN. Outro que reluta em se mudar é José Justino, pai de quatro filhos, empregado em obra da 703 Norte.

Ambos não estão preocupados com a ameaça de ter seus barracos derrubados dizendo que seu destino "é viver mesmo pelo cerrado". Quando perdem a moradia na 110 pretendem invadir outro local.

Um grupo de favelados, que não se interessou pelos lotes em Brasiliinha, se diz agora disposto a visitá-los para ver "como ficará depois que tiver gente morando". Para lá se mudaram ontem José Primo Duarte, a mulher Antônia Leonir e os quatro filhos do casal. O local onde vão morar fica fora da área oferecida pela prefeitura. Outra mudança feita ontem foi a de Noelito França Oliveira, a mulher Jesimar Delmont e três filhos. Foram para uma chácara no Valparaíso, levando apenas os móveis, entre os quais uma geladeira duplex. As tábuas e telhas de amianto que compunham o barraco foram levadas para o Lago Sul, casa de Lisand, irmão de Jesimar, para o caso de a família "não se adaptar no Valparaíso e precisar invadir área no Plano".

BETH MUNHOZ



Mesmo devagar, a remoção dos favelados vem acontecendo

Ceilândia perde barracos

O retorno com dignidade, proposto pelo GDF aos invasores da 110 Norte, foi reduzido a figura de retórica pela prática adotada ontem pela Administração Regional da Ceilândia no que diz respeito aos que invadiram as quadras da Expansão do Setor O. A espreita, já que o "trabalho" terminou com a chegada da imprensa, funcionários daquela regional, em três caminhões do GDF, com "apoio" de três viaturas da Polícia Militar, destelharam barraco onde morava a cearense Antônia Natividade Viana, só não o destruindo por causa dos apelos de Antonia, que se comprometeu a desmontá-lo. Só que ela não tem para onde ir.

A história desta doméstica diarista que cria três filhos é semelhante a de tantas Antonias e Joãozinhos espalhados por Brasília. Sem condições de pagar aluguel, deixou o barraco da QNN 21 e mudou para a quadra 18 há aproximadamente duas semanas. Há dias convivendo com as ameaças de destruição do seu barraco, Antonia contou que não trabalhava desde sexta-feira: "Passava as noites acordada, de tão nervosa que fiquei." Ontem, porém, ela não escapou da truculência governamental, que lhe permitiu tão somente recolher suas coisas à casa de uma vizinha.

Os moradores contam que há dias a mesma equipe da Administração da Ceilândia, chefiada por um funcionário que atende pelo nome de Dr. Ronildo, destruiu outros dois barracos. "Num deles, morava um velho que acabou ferido", afirmou Ariovaldo Marques, que mora na quadra 20. Os moradores, reunidos em torno do barraco de Antonia, estavam revoltados porque na manhã de ontem foram à Administração da Ceilândia para uma reunião que teria sido marcada por Ronildo e que não aconteceu. "Eles aproveitaram a nossa saída e vieram destruir os barracos", protestou Ariovaldo.

As quadras, 16, 18, 20 e 22 do Setor O podem ser considerados uma versão da 110 Norte. Os moradores calculam que no total devem existir aproximadamente 400 barracos, todos ocupando terrenos vazios que não vêm sendo aproveitados pelos seus donos. Segundo Ariovaldo, os invasores gostariam que o GDF analisasse a situação dos proprietários destes lotes, para ver se eles têm ou não outras propriedades no DF. Como acreditam que esta é uma situação comum, gostariam que o GDF os autorizasse a permanecer onde estão, até que boa parte deles possa se beneficiar dos cadastramentos na Shis.